O ESTATUTO DA MORFOLOGIA NOS ESTUDOS GRAMATICAIS

- Eunice Nicolau & Seung Hwa Lee -

RESUMO: *The linguistic studies in Ancient Greek and Roman traditions were concerned about the meaning and gave priority to elaborate the theory of “Parts of Speech” –morphology was the principal concerns of linguistic studies until the 18th century. In the 19th century, the phonological facts (sound change) began to receive attentions in linguistic studies. In the beginning of Generative Grammar, there was no autonomous component for the lexicon, which was conceived simply as a list of lexical formatives, but in later theories it is considered as a component of complex internal structures. In this perspective, word formation processes (derivation, inflection, compounding, etc.) have motivated different hypotheses: Transformational Hypothesis, Weak Lexicalist Hypothesis and Strong Lexicalist Hypothesis. The objective of this study is to show the status of morphology in linguistic traditions and its status in linguistic studies.*

PALAVRAS-CHAVE: *Léxico. Morfologia. Teoria Lexical.*

1 PRELIMINARES

Na civilização ocidental, a reflexão sobre a linguagem compreende duas fases reconhecidamente distintas: (i) uma tradição gramatical (nos termos de Silva, 1989), estendendo-se do período pré-socrático até o século XIX, que tem como preocupação essencial a relação língua/pensamento, as regras da “arte de falar e escrever corretamente” e o parentesco entre as línguas; (ii) a chamada Linguística Moderna, que inclui os estudos realizados ao longo deste século XX, nos quais a língua é assumida como objeto de estudo.

A presente reflexão passa pela explicitação de aspectos fundamentais que caracterizam essas duas fases, na medida em que tem como objetivo responder às seguintes questões:

- (1) Qual o estatuto da morfologia na tradição gramatical?
- (2) Qual o estatuto reservado à morfologia nos estudos lingüísticos propriamente ditos?

Em função desse objetivo, o presente texto está, assim, organizado: a **seção 2** explicita o tratamento atribuído aos fatos morfológicos na Tradição Gramatical, buscando ressaltar o reflexo desse tratamento na Gramática Tradicional (doravante, GT), que revela influência dos estudos

do início deste século, já então pautados pela presença da noção de estrutura; a **seção 3** coloca em evidência o estatuto atribuído à morfologia nas principais correntes da Lingüística; a **seção 4** sintetiza as hipóteses relativas aos fatos morfológicos defendidas nas diversas abordagens teóricas então focalizadas, de modo a se ressaltar a relação entre Morfologia e Sintaxe nessas abordagens.

2 O ESTATUTO DA MORFOLOGIA NA TRADIÇÃO GRAMATICAL

Na Antigüidade Clássica, o pensamento lingüístico dos gregos (cujas gramáticas serviram de modelo aos romanos) aparece predominantemente diluído nas obras filosóficas, retóricas, lógicas, e nas obras voltadas para os estudos literários. Os estudos lingüísticos dessa época, preocupados com a significação, priorizam a elaboração de uma teoria das “partes do discurso”, que, segundo Silva (1989:49), *são a base das ‘Morfologias’ da tradição gramatical*. Desses estudos resultaram:

- (a) propostas de classificação das palavras (a distinção entre nome e verbo estabelecida por Platão, as dez categorias aristotélicas, as oito partes do discurso de

Eunice Nicolau e Seung Hwa Lee são professores da Faculdade de Letras da UFMG.

Dionísio de Trácia);

(b) a identificação de paradigmas flexionais das palavras gregas (Dionísio de Trácia: séc. II a.C.) e a diferença entre flexão e derivação (Varrão: séc. I a.C.).

Na Idade Média, a língua é concebida como um reflexo (e, portanto, um meio de se analisar) a realidade; em vista disso, a preocupação dos estudos se limita à busca de identificação das causas (ou princípios universais) responsáveis pelas partes do discurso, entendidas como universais e necessárias pelo fato de serem “os modos de significar”.

Os estudos Renascentistas são marcados pela retomada das especulações filosóficas dos clássicos - mais especificamente, da questão da relação entre língua e pensamento - que se estende pelos séculos XVII e XVIII. Nesse período, verifica-se, portanto, a preocupação com um sistema lógico subjacente a qualquer língua; em vista disso, tais estudos (dentre os quais a *Grammaire Générale et Raisonné*, de Lancelot & Arnauld, publicada em 1660) buscam uma língua filosófica universal e geral, o que os leva a pensar em categorias gramaticais universais.

Como consequência do descobrimento do sânscrito (séc. XVIII) e do parentesco entre línguas da Europa e línguas da Ásia - ou seja, de que tais línguas têm uma origem comum e provêm de uma protolíngua (o Indo-Europeu) - estabelece-se a concepção de língua como sujeita a um processo histórico de evolução. O interesse pela evolução de uma língua específica (que vai dar origem à *Linguística Histórica*) surge com os neogramáticos (através de um manifesto publicado em 1878), que, ao perseguirem uma descrição científica do desenvolvimento histórico das línguas, defendem e buscam desvendar as “leis” que determinam as mudanças fonéticas - a preocupação principal da escola neogramática é, portanto, com a questão da mudança sonora; mais exatamente está relacionada à fonologia.

2.1 A Morfologia na GT

A GT remonta os estudos da língua que se iniciaram na Grécia antiga (século V a. C.) e nos chegam sob a forma de gramática pedagógica, ou seja, compêndios de fatos e “regras” gramaticais, elaborados com fins escolares e tomando por base a “língua” de textos literários. Conforme visto na seção anterior, desde o início, o tratamento normativo dos fatos lingüísticos privilegia a palavra.

Nos tradicionais compêndios gramaticais

destinados ao ensino da língua portuguesa, como o elaborado por Cunha & Cintra (1985), por exemplo, os fatos lingüísticos são, segundo os referidos autores, organizados de modo a se distinguirem aqueles que se enquadram na “fonética e fonologia” e aqueles considerados como morfo-sintáticos, cabendo no estudo desses últimos: a classificação, a constituição, a flexão e a formação das palavras, além das funções exercidas pelas palavras nas frases. Mas, na verdade, esses compêndios - que, por influência do descritivismo estruturalista (focalizado na seção 3, a seguir), assumem a existência de unidades significativas menores do que a palavra -, concebem a Morfologia como a parte da gramática que fornece informações sobre as palavras, entendidas como elementos constitutivos das orações (que constituem as frases e os períodos), nas quais devem ser respeitadas as regras da Sintaxe, que incluem: regras de regência, de colocação e de concordância (ou seja, relativas ao uso da flexão). Assim, para Cunha & Cintra:

1º) as frases são constituídas de palavras, o que permite dizer que, em (3) abaixo, sete palavras se juntam para formar uma oração, que constitui uma frase (e, também, um período):

(3) A morte dos Mamona causou profunda tristeza.

2º) as palavras constituem-se de morfemas, que podem ser: lexicais, como os destacados em (4); gramaticais, que incluem morfemas flexionais e morfemas derivacionais, como ilustrado em (5a) e (5b), respectivamente:

(4) **Mamona-s, trist-eza**

(5) a. Mamona-**s**, caus-**ou**
b. trist-**eza**

Para esses autores, o português permite a formação de novas palavras a partir de palavras já existentes, o que será retomado mais adiante.

3 ESTATUTO DA MORFOLOGIA NOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

No início do século XX, surge uma nova corrente lingüística - o estruturalismo. As bases sistemáticas e objetivas dessa nova corrente foram fornecidas por Saussure (1916), que rejeita a precedência da língua escrita sobre a língua falada e a relação língua/pensamento, distingue a gramática normativa da gramática descritiva e assume a primazia da *Linguística sincrônica* sobre a

diacrônica. Apesar da ampla aceitação desses princípios defendidos no âmbito da obra saussuriana, surgem várias escolas estruturalistas (ou, como tem sido referido na literatura mais recente, vários estruturalismos), entre as quais se destaca o descritivismo americano - a escola contra a qual surge, então, na década de 50, a Gramática Gerativa.

3.1 A Morfologia na perspectiva Estruturalista

No Estruturalismo Americano - que se distingue por definir a língua como um conjunto de elementos que apresentam ligações de identidade e de oposição - estabelece-se um modelo teórico que utiliza uma metodologia de análise em níveis hierarquizados, partindo dos constituintes mais simples (os fones) em direção aos mais complexos (as orações, que constituem o limite entre a gramática e as estruturas complexas do discurso). Nessa perspectiva, a Gramática inclui: Fonética/Fonologia, Morfo-fonêmica, Morfologia, Morfo-sintaxe, Sintaxe, e a análise dos níveis mais baixos nunca pode depender da análise dos níveis mais altos, de modo que a análise do nível fonêmico não pode usar informação dos níveis superiores tais como os níveis da morfologia e da sintaxe. Diante de tal pressuposto, a busca de descrição sistemática dos fenômenos fonológicos - uma das preocupações fundamentais dos estruturalistas - torna-se problemática, pois: a sequência da fala é constituída da conexão de vogais e consoantes e, para ser entendida, requer mais do que o conhecimento das unidades fonológicas, ou seja, exige informações gramaticais que são elementos constituintes mais altos do que os fonemas.

3.1.1 A estrutura das palavras do português

De acordo com Câmara (1970), o português apresenta duas estruturas de palavras: a estrutura do nome, ilustrada em (6), e a estrutura de verbo, como exemplificado em (7):

(6) A Estrutura do nome: **Radical + (Vogal temática)**

- a. menino: $\text{menin} + \text{o}$
 $\text{R} + \text{VT}$
 b. mar: mar
 R

(7) A Estrutura do verbo:

Tema (Radical + VT) + Sufixo Flexional (Sufixo Modo-Temporal + Sufixo Número-Pessoal)

- a. canto: $\text{cant} + \text{o}$

$\text{R} + \text{SMT/NP}$ (1ª pes./sing. do pres/indicativo)

- b. cantávamos: $\text{cant} + \text{a} + \text{va} + \text{mos}$
 $\text{R} + \text{VT} + \text{SMT} + \text{SNP}$

A estrutura do verbo é mais complexa do que a do nome, por apresentar um maior número de flexões - Câmara ressalta que o verbo é o vocábulo flexional por excelência. Mas o nome do português pode também apresentar estruturas mais complexas, como se vê em (8):

- (8) a. meninos = $\text{menin} + \text{o} + \text{s}$
 b. infeliz = $\text{in} + \text{feliz}$
 c. felicidade = $\text{feliz} + \text{idade}$

Em (8) são destacados os constituintes denominados afixos, que podem ser: flexionais, como em (8a); derivacionais, como em (8b, c). Os sufixos derivacionais se classificam em: prefixos, que se situam à esquerda do radical, como em (8b) e sufixos, que se situam à direita do radical, como em (8c).

3.2 A Morfologia na perspectiva Gerativista

Os pressupostos estruturalistas são contestados nas reformulações teórico-metodológicas da Gramática Gerativa, que vem, desde a década de 50, tentando explicar a linguagem (entendida como uma faculdade inata e específica do ser humano) e as gramáticas de línguas particulares. Na trajetória gerativista, destacam-se: a Gramática Gerativa Padrão (cf. Chomsky, 1965); o modelo da Teoria da Regência e Ligação (cf. Chomsky, 1981), no âmbito do qual se inclui a Teoria de Princípios e Parâmetros; o Programa Minimalista (cf. Chomsky, 1992, 1995).

3.2.1 A Gramática Gerativa Padrão

Na Gramática Gerativa Padrão, o léxico é concebido como uma listagem (ou seja, um conjunto idiossincrático, imprevisível e não-organizado) dos formativos lexicais, que preenchem as estruturas geradas pelas regras de base da gramática; dessa operação, resultam as **estruturas profundas**, que, através da aplicação de regras transformacionais (que constituem o componente transformacional da gramática), são convertidas em **estruturas superficiais** (ou saídas do componente sintático), que se constituem de morfemas e sobre as quais são

aplicadas operações fonológicas, de modo a serem obtidas as sentenças da língua.

Contrariando os conceitos metodológicos do Estruturalismo Americano, a Fonologia Gerativa (cf. Chomsky e Halle, 1968) propõe o uso de informações gramaticais na descrição dos fenômenos fonológicos. Mas, tal proposta não se coaduna com o modelo-padrão da Gramática Gerativa, no qual, conforme visto no parágrafo anterior, o componente fonológico é separado do componente morfológico.

Em resumo: o modelo-padrão da Gramática Gerativa trata a maior parte da morfologia relacionada à ligação dos morfemas no componente fonológico e inclui a Hipótese Transformacional, segundo a qual os elementos derivados e/ou flexionados resultam de transformação, de modo que não reserva um lugar específico para a formação de palavras - nesse modelo, tanto a flexão (concordância verbal e nominal) quanto a derivação são entendidos, portanto, como processos da Sintaxe.

3.2.2 A Hipótese Lexicalista

Chomsky (1970) assume que o léxico apresenta estrutura interna complexa que pode tratar vários fenômenos e a organização do léxico constitui parte importante da gramática. Mais especificamente, propõe a Hipótese Lexical, segundo a qual os processos derivacionais relacionados à formação das palavras devem ser tratados no léxico, descartando, portanto, o holismo transformacional que até então caracteriza a Gramática Gerativa, ou seja, a idéia de que toda relação som/significado deveria passar pelo componente transformacional.

Sob tal perspectiva, a derivação morfológica de formas lexicais correlatas é feita por regras morfológicas que integram o léxico; só depois da aplicação dessas regras (que adicionam sufixos às formas de base), é que as palavras são inseridas na estrutura sintática, conforme ilustrado em (9):

(9) forma de base + sufixo = NOME
atribui- + **-ção** = **ATRIBUIÇÃO**
 forma a ser inserida na estrutura sintática
 através da regra de inserção lexical

De acordo com a Hipótese Lexical, que é interpretada por alguns autores (ARONOFF, 1976; ALLEN, 1978; ANDERSON, 1992) como a

impossibilidade de as regras da sintaxe terem acesso à estrutura interna das palavras (ou seja, enxergarem as operações internas do léxico, que é um outro componente da gramática), as relações flexionais continuam, como antes, sendo concebidas como pertencendo ao domínio da Sintaxe - a relação entre o verbo e sua flexão de tempo e concordância, por exemplo, resulta de movimento do verbo para o núcleo **Infl** (do inglês, *Inflection*).

3.2.3 Da Fonologia lexical à Morfologia Lexical

A partir da Hipótese Lexical, surge, então, o interesse pelos processos de formação das palavras no âmbito da Gramática Gerativa. As idéias de Halle (1973) - para quem as regras de formação de palavras, responsáveis pela atribuição da própria categoria lexical, e o fornecimento de informações semânticas e sintáticas relativas às palavras devem ter acesso à saída da fonologia - motivam outros estudos à luz da Gramática Gerativa, na tentativa de se resolver o problema da inter-relação entre os componentes fonológico, morfológico e semântico. Os pressupostos nos quais se baseiam alguns desses estudos serão sintetizados a seguir.

Buscando estabelecer inter-relação entre componentes da gramática, surge a teoria da Fonologia Lexical (FL), na qual se concebe o léxico como estruturado e apresentando níveis ordenados, que constituem os domínios de algumas regras fonológicas e algumas regras morfológicas. Segundo Lee (1992; 1995), a FL prediz a existência do componente fonológico depois da Sintaxe e, também, no léxico, e tal pressuposto permite assumir que há integração entre a Fonologia e a Morfologia, na medida em que há dois tipos de regras fonológicas:

- a) Regras Lexicais - que se aplicam no léxico, são obrigatórias e contêm exceções;
- b) Regras Pós-lexicais - que se aplicam na saída da sintaxe (fora do léxico) e precedem a realização da representação fonética; tais regras, que se relacionam apenas aos fatos fonológicos (independentemente da informação morfológica), caracterizam-se como opcionais e não incluem exceções.

Essa possibilidade de integração entre Morfologia e Fonologia vai motivar o surgimento da regra de Inserção Lexical, que define os elementos morfológicos mínimos (raiz, radical,

afixo), a especificação categorial e a subcategorização lexical nas saídas do léxico, que são as entradas da Sintaxe. Essa regra é a base da Morfologia Lexical (ou Hipótese Lexicalista Forte), segundo a qual os processos de formação de palavras (i.e., a flexão, a derivação e a composição) - ocorrem no léxico.

Alguns fatos morfológicos do português brasileiro (PB) analisados à luz da Morfologia Lexical serão sintetizados nos próximos parágrafos.

3.2.3.1 A formação de palavras no PB

Na abordagem das Regras de Formação de Palavras (RFPs, KIPARSKY, 1982; ARONOFF, 1976; BASÍLIO, 1980), as informações de subcategorização e de categoria dos afixos são codificadas nas próprias regras, como em (10):

(10) inserir -dor em ambiente de [V ____]_N

Nessa perspectiva, cada RFP é um processo distinto, de maneira que são necessárias muitas RFPs para derivar uma nova palavra e/ou um composto.

Ao analisar as estruturas do léxico do PB em relação aos domínios prosódicos e morfológicos, Lee (1995) trata dos processos de formação de palavras assumindo a hipótese de que tais processos acontecem no léxico, pela Inserção Lexical (cf. Lieber, 1980; Kiparsky, 1983 e Inkelas, 1989), e os pressupostos da Morfologia Lexical (cf. Kiparsky, 1983, 1985).

Na abordagem de Inserção Lexical, todos os elementos morfológicos inanalísáveis (raiz, radical, afixo), a subcategorização lexical e a especificação categorial são definidos nas entradas lexicais; a estrutura das palavras é construída pela árvore bi-ramificada sem rótulos. A palavra, trabalhador, por exemplo, teria a estrutura representada em (11):

(11)

$$\begin{array}{c} N \\ / \quad \backslash \\ \text{trabalha}_V \text{dor}_N \end{array}$$

Nessa representação da estrutura, o afixo -dor é subcategorizado para posição pós-verbal e é especificado inerentemente como Nome. Esta categoria lexical e os traços subcategorizados deste afixo infiltram para serem os traços da palavra derivada. Em outras palavras, nos processos de formação de palavras, os afixos também são entradas

lexicais, eles próprios, com subcategorização e categoria inerente, de tal maneira que não há necessidade das Regras de Formação de Palavras (RFPs).

Uma das grandes vantagens da abordagem de Inserção Lexical é que ela unifica o tratamento de dois tipos maiores de processos de formação de palavras - afixação e composição (cf. Lieber, 1980; Kiparsky, 1983).

De acordo com Lee (1995), a formação de palavras em português acontece no léxico e na sintaxe, mas a sintaxe não interfere nas estruturas internas das palavras. Ou seja, em português, a formação de palavra, tanto derivada quanto flexionada, ocorre no léxico, antes da sintaxe. Algumas diferenças entre a derivação e a flexão evidenciam que há dois níveis diferentes do léxico do PB. Essas diferenças são resumidas no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Diferenças entre derivação e flexão

	Derivação	Flexão
pode mudar a categoria lexical de base	+	-
admite a ordem oposta de dois afixos presos	+	-
é um processo bastante produtivo	-	+
é paradigmática	-	+
muda o sentido de base conceitual	+	-
é obrigatória	-	+
permite recursividade de seus afixos	+	-

Partindo do pressuposto de que a composição, enquanto um processo de formação de novas palavras, acontece no léxico (cf. Kiparsky, 1982, 1985), verifica-se que os compostos do PB têm características diferentes das palavras não-compostas, pois:

- a) podem carregar dois acentos: tôca-disco;
- b) podem ter flexões entre constituintes (ou palavras): garotas propagandas;
- c) caracterizam-se somente como categorias lexicais [+N]: N, A, Adv, *V, *P.

Além disso, os compostos do PB apresentam estas peculiaridades: (i) permitem a formação de diminutivo através do acréscimo de sufixo entre constituintes (ex: guardinha-noturno); (ii) podem flexionar mais de uma vez (ex: homens-rãs).

Considerando os argumentos fornecidos por Villalva (1990), para quem a formação de composto no português acontece na sintaxe, Lee (1995, 1997) propõe que há dois tipos de compostos no PB - compostos lexicais e compostos pós-lexicais -, entre os quais se verificam as seguintes diferenças:

A) quanto à formação de plural

No composto lexical, o morfema de plural é acrescentado ao final do composto, como mostra (12); no composto pós-lexical, o morfema de plural pode aparecer mais de uma vez, como em (13a), e ocorrer entre os constituintes do composto, como mostra (13b):

- (12) a. ferrovias, ítalo-brasileiros, guarda-chuvas
(13) a. surdos-mudos
b. fins de semana

B) quanto à derivação

Os compostos lexicais podem formar novas palavras através de afixação, como em (14); os compostos pós-lexicais só podem se envolver em derivações específicas (aceitam apenas alguns prefixos), como em (15):

- (14) a. [[puxa-saco]_A ismo]_N
(15) ex-homem-rã, super-primeiro-ministro

C) quanto à formação de diminutivo

Os compostos lexicais comportam-se como unidade única, como em (16); os compostos pós-lexicais apresentam um núcleo que pode conservar o seu estatuto de palavra independente, como em (17):

- (16) a. guarda-roupinha/*guardinha-roupa/
*guardinha-roupinha
(17) b. homem-rã /homenzinho-rã

D) quanto à ordem dos elementos

Os compostos lexicais apresentam apenas a sequência Determinante (DT) + Determinado (DM); os compostos pós-lexicais apresentam tanto a sequência DM + DT, quanto a sequência DT + DM.

E) quanto à concordância

Os compostos lexicais do tipo A + A não exibem concordância entre os seus constituintes, como exemplificado em (18), e só admitem a flexão no constituinte que se encontra mais à direita, como mostra (19):

- (18) ítalo-brasileiros/ítalo-brasileira.
(19) espaçonaves, *espaçosnaves, *espaçosnave

Os compostos pós-lexicais dos tipos A + A, A + N e N + A sempre coincidem com o número e o gênero dos seus constituintes, o que é ilustrado em

(20):

- (20) a. surdos-mudos, mesas-redondas, boas-vidas
b. *surdo-mudos, *surdos-mudo, *surdas-mudos

Os compostos pós-lexicais do tipo N + N apresentam a concordância de número:

- (21) a. presidentes ministros
b. *presidentes ministro, *presidente ministros

Em alguns compostos pós-lexicais falta a concordância:

- (22) a. fins de semana, trens-bala, garotos propaganda
b. *fins de semanas, *fim de semanas

Esse dados permitem, então, concluir que o PB contém:

- a) compostos lexicais ou “compostos verdadeiros”, que são objetos morfológicos – ou seja, funcionam como unidades independentes nas operações morfológicas;
b) compostos pós-lexicais ou “pseudo-compostos”, que são palavras sintáticas – têm estruturas de palavras sintáticas reanalisadas, ou seja, são construídos pela regra de formação de palavra não-morfológica.

3.2.4 Programa Minimalista

O Programa Minimalista (cf. Chomsky, 1992, 1995) postula a existência de dois tipos de Operações de Construção, das quais resultam as expressões lingüísticas: **Mesclagem**, que opera sobre dois marcadores frasais não-relacionados, e **Movimento**, que opera dentro de um mesmo marcador frasal. Essas operações integram, então, um processo derivacional que vai culminar numa Forma Fonética (FF) e numa Forma Lógica (FL). O que vai para a FF e é, portanto, pronunciado é o marcador frasal anterior ao *Spell Out*, mas o processo computacional continua depois do *Spell Out*, operando em qualquer marcador frasal construído antes.

Sob essa perspectiva, o acesso aos elementos lexicais é feito através de uma numeração - um objeto que esgota os itens lexicais a serem usados em cada estrutura, de modo que expressa compatibilidade entre a FF e a FL. Todo item lexical X recebe um n que indica o número de vezes que X ocorre na estrutura; os elementos da numeração são usados exaustivamente e, só depois disso, ocorre Movimento. Isso significa que: operação de

MESCLAGEM não se dá na FL (pois os elementos com traços lexicais são todos usados antes do *Spell Out*), ao passo que MOVIMENTO - uma transformação que precisa apenas da estrutura já obtida através de operações de MESCLAGEM - pode, em princípio, ocorrer na FL. O movimento explícito só é feito se há necessidade de checagem de traços morfológicos, e tal necessidade é determinada pela natureza do traço morfológico, especificado em um Núcleo.

Chomsky (1995) propõe que, quando os itens lexicais - tanto os que constituem núcleos lexicais, quanto os que constituem núcleos funcionais - são inseridos na derivação, já apresentam os seus traços formais especificados. Esses traços, assim como os fonológicos e os semânticos, podem ser intrínsecos ou opcionais. Os traços intrínsecos são especificados no léxico (correspondem a propriedades idiossincráticas dos itens), de modo que os traços categoriais - [+/- V, +/- N] - são traços intrínsecos, assim como os traços de especificação da pessoa em N e o traço marcar Caso em V e em T. Os traços opcionais são adicionados quando os itens lexicais entram na numeração. No exemplo (23), a seguir, traços opcionais são especificados no item lexical airplanes (traço de número = plural) e no item lexical build (pessoa/número = 3ª pessoa/plural):

- (23) We build airplanes.
 we ===== 1ª Pes.
 airplane === 3ª Pes. [- Human]
 build ===== marca Acusativo em FF
 T ===== marca nominativo

Os traços formais ainda se classificam em: [+ interpretáveis] e [- interpretáveis]. O primeiro tipo não precisa ser eliminado para a convergência em FL. O segundo tipo, ao contrário, precisa ser eliminado para a convergência em FL; logo, exige checagem. Nos itens lexicais envolvidos na construção da sentença (23), por exemplo, podem ser identificados traços [+ interpretáveis] e traços [- interpretáveis], como mostrado em (24a) e (24 b), respectivamente:

- (24) a. traços [+interpretáveis]
 we = 1ª Pes.
 = [+ plural]

 airplane = 3ª Pes.
 = [- Human]
 = [+ plural]

- b. traços [-interpretáveis]
 build = marca Caso Acusativo
 = 3ª Pes.
 = plural

Núcleo T = marca Caso Nominativo

Conforme anteriormente mencionado, na construção de uma sentença, só há movimento antes do *Spell Out* quando há uma motivação e essa motivação consiste na exigência de checagem de traços morfológicos [-interpretáveis]. Isso significa, portanto, que existe uma estreita relação entre a Sintaxe e a Morfologia. Enfim, significa que a Morfologia é responsável por operações sintáticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos morfológicos constituem o principal alvo de interesse dos estudos linguísticos ditos tradicionais realizados até o século XVIII; no século XIX, dada a preocupação com o parentesco entre as línguas e a evolução de línguas particulares, o interesse maior passa a ser com os fatos fonológicos, o que vai persistir nos estudos estruturalistas (da primeira metade deste século). No âmbito da literatura gerativista (cuja trajetória se inicia na década de 50), o léxico é concebido inicialmente como uma simples listagem e, depois, como estruturado; em vista disso, os processos de formação de palavras - flexão, derivação, composição - motivam a formulação de diferentes hipóteses:

- 1º) Hipótese Transformacional - os morfemas, assim como as palavras, são itens listados no léxico, e a formação de nova palavra (seja através de flexão, de derivação, ou de composição) ocorre na Sintaxe, envolvendo transformações;
- 2ª) Hipótese Lexicalista Fraca - o léxico passa a ser visto como estruturado e assume-se que, enquanto os processos flexionais ocorrem na Sintaxe (e envolve transformações), os processos derivacionais ocorrem no léxico;
- 3ª) Hipótese Lexicalista Forte - os morfemas, assim como as palavras, são entradas lexicais, e a nova palavra é formada por acréscimo de morfemas, através da Inserção Lexical, de modo que os processos de formação de novas palavras (derivação e composição), assim como os processos flexionais, ocorrem no léxico.

A Hipótese Transformacional é assumida no modelo da Gramática Gerativa Padrão, que, portanto, não dá importância à Morfologia; a

Hipótese Lexicalista Fraca é asumida na Teoria da Regência e Ligação, que divide o poder da Sintaxe com a Morfologia; a Hipótese Lexicalista Forte é a assumida pela Gramática Gerativa no seu estado atual¹, uma vez que, para Chomsky (1992, 1995):

- a) os traços categoriais e as informações sobre as propriedades de subcategorização dos itens lexicais incluídos na Numeração constituem o ponto de partida para a derivação das estruturas sintáticas;
- b) as entradas da sintaxe são elementos (primitivos, derivados ou compostos), nos quais as marcas flexionais (traços de tempo, pessoa, número, Caso, etc.) já podem figurar;
- c) esses traços é que vão motivar as operações de movimento, determinando o curso da derivação sintática;
- d) conseqüentemente, a tarefa da sintaxe é basicamente a de checar as relações estruturais, passando, então, pela checagem dos traços morfológicos.

Enfim, nos estudos lingüísticos mais recentes, a Morfologia tem ocupado lugar de destaque e, na perspectiva Minimalista, embora implicitamente, é assumida como um componente essencial da gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, M. *Morphological Investigation*. Doctoral dissertation, University of Connecticut, Storrs, 1978.
- ANDERSON, S. R. *A-Morphonous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, M. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, M. *Estruturas Lexicais do Português: Uma Abordagem Gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- _____. Remarks On Nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (ed.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn, 1970. pp. 194-221.
- _____. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. A Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics* Number 1, Cambridge, MA: MIT Press, 1992.
- _____. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

- _____. and M. Halle. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. F. L.. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- HALLE, M. Prolegomena to a Theory of Word Formation. *Linguistic Inquiry* 4, 3-16, 1973.
- INKELAS, S. *Prosodic Constituency in the Lexicon*. Doctoral Dissertation. Stanford University. Stanford, 1989.
- KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: I.-S. Yang (ed.) *Linguistics in the Morning Calm*, Seoul: Hanshin, , 3-91, 1982.
- _____. Word-formation and The Lexicon. In: F. Ingelman (ed.) *Proceedings of the Mid America Linguistics Conference*, University of Kansas, 1983.
- _____. Some Consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2, 85-138, 1985.
- LEE, S.-H. *Fonologia Lexical do Português. Cadernos de Estudos Linguísticos* 23, Campinas: Unicamp – IEL, 1992.
- _____. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. Tese de Doutorado Unicamp - IEL Campinas, 1995.
- _____. Sobre os Compostos do PB, *DELTA* 13-1, 1997. p. 17-36.
- LIEBER, R. *On the Organization of the Lexicon*. Doctoral dissertation, MIT, 1980.
- MATOS e SILVA, R. V. *Tradição Gramatical e Gramática Tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.
- ROHRBARCHER, B. English AUX⁺NEG, Mainland Scandinavian NEG⁺AUX and the Theory of V to I Raising. *Proceedings of the 22nd Western Conference on Linguistics* 92, 1992.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot. 1916.
- SPEAS, M. Null Arguments in a Theory of Economy of Projection. In: E. Benedicto & J. Runner (eds.) *Functional Projection*. UMOP 17, 1994.
- VILLALVA, A. Compounding in Portuguese. *Working Papers* 2, Instituto de Lingüística Teórica e Computacional, 1990.

Notas:

¹Cabe ressaltar que, entre estudos realizados sob tal perspectiva teórica, é possível encontrar posições menos ortodoxas: Speas (1994), por exemplo, distingue dois tipos de línguas dotadas de Agr - umas que apresentam morfema distinto de concordância

EUNICE NICOLAU & SEUNG HWA LEE

para todas as formas (um Agr “rico”) e outras, que apresentam um Agr “fraco” - e, seguindo Rohrbacher (1992), assume que, nas línguas de Agr rico (como o espanhol), cada morfema de concordância constitui uma entrada lexical (que é o núcleo de AgrP), enquanto, nas línguas com Agr fraco (como o inglês), os morfemas de concordância fazem parte de formas verbais listadas no léxico.